

GRANDE SERTÃO: VEREDAS E AS FIGURAÇÕES DO BRASIL

Jaqueline Koehler¹

RESUMO

Grande sertão: veredas de João Guimarães Rosa tem como um de seus elementos narrativos de maior destaque a presença do espaço. É a partir dessa perspectiva presente no texto que se pretende analisar a obra, enfocando a ambivalência entre os espaços urbano e rural (sertão), e sua importância para a construção da leitura da obra enquanto romance sobre a formação do Brasil. Para esta leitura serão privilegiados os aspectos sociais e históricos que a obra apresenta, não só os do romance como também os do ato de sua escritura, além do possível diálogo com *Os Sertões* para podermos compreendê-lo como representante deste gênero.

Palavras-chave: Sertão; João Guimarães Rosa; Espaço.

ABSTRACT

Grande sertão: veredas, written by João Guimarães Rosa, features “space” as one of its most outstanding narrative elements. The work will hence be analyzed through this perspective, present in the text, with focus on the ambivalence between urban and rural “spaces” or settings (the rural area being referred to as the “sertão”). This aspect is of utmost importance for understanding the work as a novel that portrays Brazil’s formation. This study emphasizes the social and historical aspects present in the work, not only those explicitly depicted in the novel but also those taking place during the period in which this literary piece was written. Moreover, this work’s possible dialogue with *Os Sertões* will be examined, in order to better grasp how *Grande sertão: veredas* is a representative work in the genre.

Key words: Inland; João Guimarães Rosa; Space.

INTRODUÇÃO

*Grande sertão: veredas*², único romance de João Guimarães Rosa, é um texto essencialmente calcado no espaço, o que é percebido de saída, no seu título que apresenta essa perspectiva de olhar a ser direcionado à obra. A presença do espaço no romance, principalmente em sua relação de ambivalência entre o urbano e o rural, pode indicar que as travessias de Riobaldo pelo sertão configuram uma espécie de retrato do Brasil, no processo de sua formação e constituição nacional.

Rosa³ ao escrever *GSV* se insere em um quadro de autores que pensaram sobre o Brasil e sobre a realidade brasileira. A maioria desses autores escreve do ponto de vista crítico da história, da sociologia ou da política, como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Jr. e Raymundo Faoro (BOLLE, 2000). Há também nesta

perspectiva, mas em relação à nossa literatura, o estudo de Antonio Candido, *Formação da literatura brasileira*, que propõe a reflexão da história literária sob a ótica de sua formação. Neste trabalho Candido demonstra a constituição da história literária brasileira através de seu processo formativo e de auto-referenciação.

Na esteira do pensamento de Candido, como reflete BOLLE, pode-se considerar uma obra literária a partir de suas antecessoras, e no caso de *GSV*, a obra de referência seria *Os sertões* de Euclides da Cunha. Tal como Euclides, Rosa se aproveitaria de um tipo comum brasileiro para refletir sobre a realidade do país.

Por mais que a obra de Euclides da Cunha possa ser vista (e o é em grande medida) como um tratado sobre geografia e história do Brasil, é também e, sobretudo, um texto literário que acaba por tratar desses assuntos. O próprio Candido, na obra já citada, faz referência à obra

¹ Licenciada em Letras. Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná. Professora das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba nas disciplinas de Textos Fundamentais da Literatura e Literatura Brasileira. C-eletrônico: jaquelinekoehler@gmail.com.

² Nas próximas citações a obra será referida com a sigla **GSV**.

³ Parte dos argumentos apresentados neste trabalho se devem, principalmente, às reflexões de Willi Bolle, sempre que possível será feita a referência direta.

euclidiana como um perpetuador das manifestações de literatura regionalista⁴ dentro do sistema estabelecido em seu estudo. Dessa forma Rosa também dá continuidade a esse sistema proposto⁵, e tal como Euclides pode ser enquadrado nesta tradição, mesmo pertencendo ao campo da literatura.

Todos estes “retratos do Brasil” discorrem, uns mais outros menos, sobre o espaço (ao território brasileiro), em suas diferentes manifestações. Em Rosa isso não é diferente, o sertão é o palco para a história de Riobaldo e de todos os jagunços que passam por sua travessia, além da onipresença do povo, dos humildes, como nos diz o narrador: “*O sertão está cheio desses. Só quando se jornameia de jagunço, no teso das marchas, praxe de ir em movimento, não se nota tanto: o estatuto de misérias e enfermidades.*” (GSV: 75).⁶

O espaço pode ser percebido e analisado no romance através do discurso que demonstra a apreensão das personagens no contato com o seu entorno e com as outras personagens. É na relação espacial que se desenrolam os contatos, conflitos e a história que está sendo tecida, é nele que se dão os encontros e embates com si próprio, com os outros personagens e com a materialidade do espaço. Riobaldo nos narra suas experiências em primeira pessoa, o que contribui para que se perceba de maneira mais objetiva e contundente sua vivência no espaço sertanejo.

O espaço conformado em *GSV* apresenta a confrontação entre as dimensões rurais e urbanas que estão em constante e intenso conflito na tentativa de estabelecerem sua identidade. O espaço rural (o sertão) tenta ratificar e fazer prevalecer suas características e seus costumes, enquanto o urbano está em processo de expansão e consequente imposição à realidade sertaneja, como nas próprias palavras de Riobaldo: “*Agora, o mundo que ficar sem sertão*” (GSV: 305). Este mundo é claramente o da cidade que influencia o sertão e faz com que essa confrontação das duas realidades espaciais gere uma instabilidade que estará presente em todo o romance marcando a realidade espacial e humana sertaneja.

Rosa ao escrever *GSV* está inserido e se insere em contextos históricos que não merecem ser menosprezados – pelo menos – nesta análise. Rosa situa *GSV* no período da República Velha, que o faz contemporâneo à Guerra de Canudos e à escritura de *Os sertões* de Euclides da Cunha. Além disso, não se pode ignorar as tentativas de processos de modernização ocorridos nesse período, principalmente no Rio de Janeiro com sua reconstrução⁷.

Por outro lado, Rosa escreveu seu único romance como diplomata do Estado Novo, da Era Vargas, que tal como a

República Velha, também privilegiou em sua política aspectos que dinamizassem o crescimento nacional, muitas vezes em detrimento de políticas de exclusão. A uma primeira vista este tipo de comparação pode até parecer arbitrário, porém pode contribuir para nos revelar um posicionamento político e/ou social minimamente interessado de Rosa em assuntos relacionados à nossa política. Se pensarmos ainda, que Rosa teve contato com o povo sertanejo mais humilde, - o que é relatado com certo entusiasmo por muitos críticos que relembram com romantismo suas andanças pelo sertão - não é de se estranhar que, mais que mero interesse por este “universo” singular e rico em histórias, o autor se preocupasse também – e talvez principalmente - com a realidade imediata desta população.

É muito comum Rosa ser visto como um autor apolítico, o que fez com que fosse criticado por essa postura, o que fica claro em sua entrevista a Günter Lorenz, quando parece não querer se envolver nesse tipo de discussão, chegando a encaminhar a conversa para assuntos menos politizados e relacionados mais com aspectos místicos. É essa postura que auxilia este viés mais comum de trabalho com sua obra, e parece, um recurso de auto-estilização de sua imagem como tal. Assim, temos um breve quadro de possibilidades de contextos de trabalho, em relação a perspectivas de análise do espaço literário, com o horizonte da situação de escrita da obra, que conjuntamente nos servem de chaves interpretativas, nos abrindo as portas para esta leitura do romance.

A primeira chave que podemos nos servir para o trabalho com *GSV* é a ratificação da figura do *homem humano*, no contexto do mundo sertanejo. Rosa em alguns momentos exalta em primeiro plano a presença do homem principalmente em contraposição ao do diabo: “*... o diabo vive dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos*” (GSV: 26). É este homem em sua dimensão física primeira e até primitiva que parece interessar a Rosa, o que contribui para uma leitura enfatizada neste homem e nesta realidade sertaneja, como experiência social e até mesmo histórica. Quando Riobaldo diz:

Guerras e batalhas? Isso é como jogo de baralho, verte, re-verte. Os revoltosos depois passaram por aqui, soldados de Prestes, vinham de Goiás, reclamavam posse de todos os animais de sela. Sei que deram fogo, na barra do Urucúia, em São Romão, aonde aportou um vapor do Governo, cheio de tropas da Bahia. Muitos anos adiante, um roceiro vai lavrar pau, encontra balas cravadas. (GSV: 114)

Neste trecho é perceptível tanto o contexto histórico que o romance se passa, quanto a inserção do sertão e

⁴ Que se apresenta no *Formação* como literatura extensiva.

⁵ Dentro do contexto do *Formação* poderíamos dizer que o regionalismo faz parte de um “subsistema”, já que possui uma dinâmica própria dentro do processo formativo de Candido.

⁶ Doravante as citações serão referentes a seguinte edição: ROSA, João Guimarães. Grande sertão: veredas. 19 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. Página 75.

⁷ Talvez o autor que tenha demonstrado esse processo de maneira mais contundente seja Lima Barreto, que contemporâneo de Euclides, se ocupou exaustivamente em descrever e criticar a modernização que ocorria no Rio de Janeiro.

de seu povo no processo histórico que se desenvolvia. A perspectiva de o sertanejo encontrar vestígios de fatos ocorridos no passado, coloca este espaço e as pessoas que fazem parte dele, como constituintes da historiografia nacional, mesmo o sertão permanecendo como espaço periférico, em relação à cidade, que é o centro e propagador das mudanças e processos de modernização.

São estes sertanejos que no espaço do sertão irão desencadear vários tipos de relação, que estarão baseadas na condição mais humana entre os homens. Quando Diadorim diz “*Riobaldo, você é valente ... você é um homem pelo homem...*” (GSV: 160) ela confirma o ponto de vista de como as relações são travadas entre essas personagens e entre o espaço. Este espaço tal como as personagens se encontram nele, é instável, já que passa por processos de mudança, nos mais diferentes aspectos. Um deles, e talvez o principal, se dá em relação à conformação que o espaço urbano toma em relação ao do sertão.

Estes aspectos podem ser percebidos, desde a freqüente mudança de chefes dos bandos até o processo de conscientização por que passam os jagunços sobre sua condição. Entre os bandos existe claramente uma diferenciação entre posturas mais conservadoras, que são representadas pelas personagens de Hermógenes, Ricardão e Medeiro Vaz. Posturas mais “modernas” são vistas com Zé Bebelo e Joca Ramiro⁸, que acaba morrendo em detrimento de sua postura menos conservadora em relação, como o próprio Riobaldo diz, às “leis” do sertão: “*não era nem o Hermógenes, era um estado de lei, nem dele não era, eu cumpria, todos cumpriam.*” (GSV:225). São essas leis que ao serem desrespeitadas e modificadas, como o próprio espaço, geram conflitos e criam uma atmosfera de instabilidade.

Zé Bebelo é possivelmente o chefe jagunço que mais irá demonstrar essa instabilidade através de tentativas de mudança no sertão. O enfoque de suas ações são projetos de modernização do espaço sertanejo, como percebemos nesta passagem: “*Dizendo que, depois, estável que abolisse o jaguncismo, e deputado fosse, então reluzia perfeito o Norte, botando pontes, baseando fábricas, remediando a saúde de todos, preenchendo a pobreza, estreado mil escolas.*” (GSV: 147). Aqui Bebelo além de ter a intenção de modificar o espaço do sertão com elementos da cidade, demonstra sua consciência da real situação em que se encontram as populações que nela vivem, principalmente quando ressalta querer “preencher a pobreza”.

Em outro momento é Riobaldo quem percebe a real situação em que se encontra, não só ele como jagunço, como também os chefes dos bandos. Diante de São Habão, Riobaldo percebe como o coronel, - personagem cara à tradição brasileira, principalmente interiorana, sertaneja e nordestina – vê o jagunço:

Ele repisava, que o que se podia estender em lavoura, lá, era um desadoro. E espiou para mim, com aqueles olhos baçosos

– aí eu entendi a gana dele: que nós, Zé Bebelo, eu, Diadorim, e todos os companheiros, que a gente pudesse dar os braços, para capinar e roçar, e colher, feito jornaleiros dele. Até enjoei. Os jagunços destemidos, arriscando a vida, que nós éramos; e aquele são Habão olhava feito o jacaré no juncal: cobiciava a gente para escravos! (GSV: 431)

É nesse momento que Riobaldo toma consciência da real situação do jagunço, que na verdade é mais um miserável, entre os tantos existentes, que contribuem para conformar o estatuto da população sertaneja. É aí também, que o narrador percebe que não há diferença entre os jagunços e os moradores dos vilarejos por que passam, mas que a real diferença se dá entre o latifundiário e seus servidores. Essa posição Riobaldo também demonstra quando enumera alguns se seus ex-colegas de jaguncismo que no momento da narração (já estabelecido como latifundiário), trabalham em suas terras.

O espaço sertanejo também parece sofrer influência da cidade quando Riobaldo faz o seu retrato das pessoas do sertão, como se estivessem inseridas em uma dinâmica que é típica da cidade,

Não me assente o senhor por beócio. Uma coisa é pôr idéias arranjadas, outra é lidar com país de pessoas, de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias... Tanta gente – dá susto se saber – e nenhum se sossega: todos nascendo, crescendo, se casando, querendo colocação de emprego, comida, saúde, riqueza, ser importante, querendo chuvas e negócios bons...De sorte que carece de se escolher: ou a gente se tece viver no safado comum, ou cuida só de religião só. (GSV: 31)

Riobaldo percebe que o sertão também se coloca de forma análoga à cidade em relação ao crescimento e da forma como deve ser tratado, pois o que demonstra não é uma posição interiorana, mas já um processo estabelecido, em que todos se inserem e requerem para si o fazer parte deste todo. Por outro lado, Riobaldo dá sua receita de como lidar com essa realidade (BOLLE, 1994-1995), e com isso faz referência à religião, o que pode – mesmo que indiretamente – estar ligado à forma como o Antonio Conselheiro e a população de Canudos pretendia “resolver” esse impasse, que é trazido pela cidade, ou pela República como no caso euclidiano.

A influência da cidade no sertão se apresenta também nas mudanças lingüísticas que sofrem alterações com o passar do tempo. Por exemplo: a Guararavacã do Guai-cuí, nome indígena de cidade, é apresentado por Riobaldo no momento da narração como Caixeirópolis, pela grande presença de caixeiros-viajantes na cidade. Outro exemplo é o nome do menino Valtêi, que de acordo com Riobaldo é “*...nome moderno, é o que o povo daqui agora aprecia, o senhor sabe*”(GSV: 29). Assim percebemos alguns dos aspectos da cidade que começam a pertencer ao do sertão.

Outra ambivalência entre cidade e sertão se dá na rela-

⁸ “*Joca Ramiro – grande homem príncipe! – era político.*” (GSV: 33)

ção de Riobaldo com seu interlocutor cidadão. Sua relação é marcada por uma ironia que permeia todo o texto, e que parece estar mais próxima de um sarcasmo, que é próprio da condição moderna presente na cidade, e que o narrador se utiliza para inseri-lo na história. Em vários momentos Riobaldo exalta seu interlocutor, mas ao mesmo tempo o coloca abaixo, já que está ouvindo e acompanhando suas histórias sem real conhecimento da realidade sertaneja. Riobaldo diz:

Sendo isto, ao dôido, doideiras digo. Mas o senhor é homem sobrevivendo, sensato, fiel como papel, o senhor me ouve, pensa e repensa, e rediz, então me ajuda. Assim, é como conto. Antes conto as coisas que formaram passado para mim com mais pertença. Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. do que não sei. Um grande sertão! não sei. Ninguém ainda não sabe. só umas raríssimas pessoas – e só essas poucas veredas, veredazinhas. O que muito lhe agradeço é a sua fineza de atenção. (GSV: 116)

Este trecho parece comprovar a ironia de Riobaldo com seu interlocutor, que na verdade acompanha sua história, que é narrada não-linearmente (o que é uma característica da narrativa moderna), envolvendo o seu ouvinte em algo que não conhece, e provavelmente não irá conhecer, já que o narrador enfatiza o fato dessa realidade narrada não existir mais – pelo menos em sua totalidade.

A relação entre Riobaldo e o jagunço Reinaldo-Diadorim é também marcada pela ambigüidade e possui relação com os processos de mudança e instabilidade no espaço a que pertencem. Primeiramente é Diadorim quem irá desordenar os sentimentos e até o raciocínio de Riobaldo, provocando parte se sua personalidade instável. Mas é ela também quem processa no narrador uma espécie de processo civilizatório, o ensinando a se barbear, em sua higiene pessoal, e o presenteando com alguns objetos,

que de certa forma estão relacionados de maneira mais próxima à cidade. Além disso, é Diadorim quem opera em Riobaldo uma espécie de “educação pelos sentidos” fazendo com que percebesse e começasse a observar e apreender a natureza à sua volta. Esse processo se inicia já no seu primeiro encontro na travessia do rio São Francisco, e continua mais tarde quando convivem juntos nos bandos. Esse processo é importante, já que é a partir dele que Riobaldo começa a perceber de maneira mais clara a paisagem à sua volta.

A canção que Riobaldo não consegue esquecer durante todo o seu trajeto: “*Olererê, baiana.../eu ia e não vou mais:/eu faço/que vou/lá dentro, oh baiana!/e volto do meio pra trás... - ?*” apresenta a postura de Riobaldo em relação à situação em que se encontra, principalmente de adesão ou não à cidade, aos bandos, ou a Diadorim. Seu movimento é o mesmo da canção, que projeta uma ação, mas não a realiza exatamente⁹. É também a postura adotada em relação ao que a cidade pode vir a oferecer, se por um lado Riobaldo possui certo fascínio em relação a Zé Bebelo e Vupes, que são seus amigos e se encontram na cidade, por outro não consegue se desligar do sertão, até porque, a cidade é o que desconhece, mesmo possuindo suas características mais demarcadas, ao contrário do sertão em que as relações nem sempre se encontram no definidamente palpável.

De certa forma esta relação demonstra também uma instabilidade, que se opera pelo processo de modernização, que no sertão pode ser apreendido como o elemento que não se sabe em certos momentos pertencente ou não desse processo. Quando Riobaldo questiona se “*Ah, tempo de jagunço tinha mesmo que acabar. Cidade acaba com o sertão. Acaba?*” (GSV: 183) ele próprio não sabe a resposta, mas tem consciência de que faz parte de um processo que sabe começado, mas não quando finalizado.

CONCLUSÃO

Dessa forma podemos observar que *GSV* é um texto que reflete sobre a formação do Brasil, pois em última instância traça um retrato da estrutura da sociedade brasileira, na face mais menosprezada, o lado dos humildes. Riobaldo ao contar sua história nos demonstra que o sertão como ele conheceu já não existe mais, faz parte de uma imagem perdida desse espaço, e ao reconstruí-lo em sua narrativa propõe outro viés para recontar e reconstruir a sua história pessoal, e conseqüentemente, parte da história brasileira.

Poderíamos considerar ainda mais uma ambivalência e ironia presente no título, em que o “grande sertão” é o palco, o espaço, para se trilhar o caminho da formação de realidade proposta, mas que só consegue se realizar através das veredas, dos pequenos caminhos, esses podendo demonstrar de maneira aproximativa todo o percurso que se deve fazer para que haja realmente uma formação. Rosa nos deixa claro que todo o processo narrado no romance nada mais é do que a travessia necessária, não só para a experiência individual de Riobaldo, mas a travessia do próprio Brasil e de Rosa em um processo de tentativa de autoconhecimento.

⁹ Esse impasse é percebido até quando Riobaldo já chefe do bando não consegue participar totalmente da derradeira batalha no paredão onde Diadorim acaba morrendo, ali ele permanece mais como espectador, não participando efetivamente da batalha.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, H. V. **Guimarães Rosa, diplomata**. Brasília: Ministério das Relações Exteriores: Fundação Alexandre de Gusmão, 1987.
- ARRIGUCCI Jr, D. O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa. *In: América Latina: palavra, literatura e cultura*. Vol 3.
- BOLLE, W. Grande sertão: Cidades, **Revista USP**, São Paulo, n. 24 (dez. 1994- fev. 1995): 80-93.
- _____. O pacto no ‘Grande Sertão’ – esoterismo ou lei fundadora?, **Revista USP**, São Paulo, n.36 (dez. 1997 – fev. 1998a): 27-45.
- _____. O sertão como forma de pensamento, **Scripta**, Belo Horizonte, v. 2, n.3 (1998b): 259-271.
- _____. “grandesertão.br ou: A Invenção do Brasil”. *In: LANCIANI, G (org.): João Guimarães Rosa: il che delle cose*. Roma: Bulzoni, 2000: 13-99.
- CANDIDO, A. O homem dos avessos. *In: Guimarães Rosa, 2. ed.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- _____. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 8. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.
- COUTINHO, E. F. **Guimarães Rosa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- CUNHA, E. **Os Sertões (campanha de Canudos)**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, Imprensa Oficial do Estado, Arquivo do Estado, 2001.
- DIMAS, A. **Espaço e romance**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1987.
- FAUSTO, B. **História do Brasil**. 11. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- FINAZZI-AGRÒ, E. **Um lugar do tamanho do mundo: tempos e espaços de ficção em João Guimarães Rosa**. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2001.
- FREYRE, G. Casa Grande e Senzala *In: Intérpretes do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2. ed., 2002.
- GALVÃO, W. N. **As formas do falso: um estudo sobre a ambigüidade no ‘Grande Sertão: Veredas’**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- _____. **Guimarães Rosa**. São Paulo: PubliFolha, 2000. (Folha Explica).
- HANSEN, J. A. **A ficção da literatura em Grande sertão: veredas**. São Paulo: Hedra, 2000.

LEAL, V. N. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil.** 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997.

LORENZ, G. W. **Diálogo com a América Latina: panorama de uma Literatura do Futuro.** São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1973.

ROSA, J. G. **Grande sertão: veredas.** 19 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. **Ave, palavra.** 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SEVCENKO, N. **Literatura como missão.** Tensões sociais e criação na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SOETHE, P. A. **Ethos, corpo e entorno: sentido ético da conformação do espaço em ‘Der Zauberberg’ e ‘Grande sertão: veredas’.** Tese do doutoramento – Universidade de São Paulo, 1999.

STARLING, H. **Lembranças do Brasil. Teoria, política, história e ficção em Grande sertão: veredas.** Rio de Janeiro: Revan, 1999.

WILLIAMS, R. **O campo e a cidade na História e na Literatura.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.